

O Cogito em Agostinho

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

1. *Agostinho e Descartes*

Neste artigo buscaremos acentuar a descoberta que fez de Etienne Gilson o maior historiador da filosofia medieval do século XX, a saber, que o fundamento do sistema cartesiano e de toda a filosofia moderna procede de Santo Agostinho. De fato, a filosofia moderna é inaugurada com o postulado “penso, logo existo” (*cogito ergo sum*). Ora, tal máxima nada mais é do que a corruptela de uma premissa agostiniana. Com efeito, a filosofia moderna nasce de uma certeza oriunda da *psicologia agostiniana*.

Etienne Gilson – o maior historiador da filosofia medieval no século XX – não iniciou as suas pesquisas em filosofia medieval. Antes de ser medievalista, foi um dedicado estudioso da filosofia moderna. A sua tese de doutorado, *La Liberté chez Descartes et la Théologie e Index scolatico-cartésien* (1913), teve por tema o pensamento cartesiano em confronto com o escolástico. Gilson voltou-se para os medievais somente após reconhecer que a filosofia cartesiana devia mais aos medievais – máxime a Agostinho – do que comumente se pensava:

Como se sabe, E. Gilson voltou-se para a Filosofia Medieval ao escrever sua tese de doutorado sobre Descartes, quando então constatou como este ex-aluno dos jesuítas devia aos medievais muito mais do que admitia e do que afirmavam até seus críticos. (...).¹

¹ BONI, Luiz Alberto de. **Estudar Filosofia Medieval**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. N. de roda pé 2.

2. O cogito nas principais obras de Agostinho

Com respeito ao cogito em Agostinho, Gilson e Boehner, em *Christliche Philosophie – von ihren Anfängen bis Nikolaus von Cues*², remetem-nos a três passagens:

2.1. Soliloquia

Razão: Tu que queres conhecer-te a ti mesmo, sabes que existes?

Agostinho: Sei.

Razão: De onde sabes?

Agostinho: Não sei.

Razão: Sabes que te moves?

Agostinho: Não sei.

Razão: Sabes que te pensas?

Agostinho: Sim

Razão: Portanto, é verdade que pensas?

Agostinho: Sim.

Razão: Tu queres existir; viver e entender, mas existir para viver e viver para entender. Portanto, sabes que existes, sabes que vives, sabes que entendes.³

Sabemos que existimos? Sim, sabemos. Sabemos que existimos por que nos movemos? Não. Sabemos que existimos por que vivemos? Não. Como sabemos que existimos? Sabemos que existimos porque pensamos, melhor: sabemos que existimos porque sabemos que pensamos. Logo, o pensamento é o fundamento da certeza da nossa existência. Porque, se penso, vivo. Com efeito, ninguém poderia pensar se não vivesse. Igualmente, se penso, existo. De fato, ninguém poderia pensar se não existisse. Por conseguinte, se penso, posso concluir: sou *eu* quem pensa, sou *eu* quem vive, sou *eu* quem existe.

Portanto, o que diferencia os homens dos animais não é somente o conhecimento; os animais também possuem o conhecimento sensível. Não basta, tampouco, pura e simplesmente, notar que o homem conhece os inteligíveis. Sem embargo, o que realmente distingue o homem dos animais irracionais é o fato de ele conhecer os inteligíveis e saber que os conhece. Destarte, eu conheço e sei que conheço; existo e sei que sou eu quem existe; vivo

² BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 150.

³ AGOSTINHO. **Solilóquios**. Trad. Adaury Fiorotti. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. II, 1, 1.

e sei que vivo; penso e sei que penso. Ora, conhecer-me assim como sujeito (*subiectum*) destes atos, faz-me senhor de mim mesmo. Torno-me um centro de atribuições e estou consciente disso: sou uma pessoa (*persona*). Logo, o fundamento da certeza da descoberta do meu “eu” é o meu pensamento.

2.2. De Trinitate

Quem, porém, pode duvidar que a alma vive, recorda, entende, quer, pensa, sabe e julga? Pois, mesmo se duvida, vive; se duvida lembra-se do motivo de sua dúvida; se duvida, entende que duvida; se duvida, quer estar certo; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não deve consentir temerariamente. *Ainda que duvide de outras coisas não deve duvidar que duvida. Visto que se não existisse, seria impossível duvidar de alguma coisa.*⁴

O que salta aos olhos nesta passagem é a *dúvida*. Com efeito, pode-se duvidar de tudo, mas não se pode duvidar de que se esteja duvidando! Quem duvida? pergunta Agostinho. Eu, responde também Agostinho. Logo, pode-se duvidar de tudo, mas toda dúvida pressupõe ao menos uma certeza: a existência do “eu” que duvida. A existência do “eu” é assim a condição de possibilidade de toda e qualquer dúvida. Se o “eu” não existisse, dúvida alguma seria possível.

2.3. De Civitate Dei

*Pois, se me engano, existo. Quem não existe não pode enganar-se; por isso, se me engano, existo. Logo, quando é certo que existo, se me engano? Embora me engane, sou eu que me engano e, portanto, no que conheço que existo, não me engano. Segue-se também que, no que conheço que me conheço, não me engano. Como conheço que existo, assim conheço que conheço.*⁵

⁴ AGOSTINHO. **A Trindade**. 2ª ed. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Nair Assis Oliveira e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. X, 10, 14. (O itálico é nosso).

⁵ AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001. Parte II. XI, XXVI. (Os itálicos são nossos).

O *Si fallor, sum*, mostra que Agostinho deduz a certeza da própria dúvida, pois não podemos duvidar que estejamos duvidando.⁶ Logo, é pelo menos certo que duvidamos. Além disso, se me engano, sou eu que me engano, pois se não fosse eu a me enganar, o engano não seria tampouco possível para mim. Logo, se me engano, existo. O engano não existiria se eu não existisse antes para me enganar. Não existiria dúvida se “eu” não existisse para duvidar. Não haveria engano, se não existisse o “sujeito” do engano.

Agora bem, a descoberta deste “sujeito” dá-se pela racionalidade, pois a razão se distingue das outras faculdades de conhecer, porque não é simplesmente uma faculdade de conhecer, mas uma *faculdade de conhecer que se conhece*, ou seja, de *reconhecer-se*. A razão, formalmente falando, especifica-se pela sua capacidade de *conhecer-se*. É por isso, aliás, que a razão pode *criticar-se* e conhecer a luz da verdade que nela habita: Deus. A razão é, pois, a gênese, a origem do “eu”.

3. Agostinho: o inventor da autobiografia

O Prof. Lauand, em feliz passagem, chega a dizer que foi Agostinho, nas *Confessiones*, quem inventou a *autobiografia*. De fato, pela primeira vez na história do pensamento temos uma obra cujo tema principal é a vida íntima do seu autor. As *Confessiones* são o retrato fiel do homem interior, da vida no espírito. Nela revela-se a história de uma alma inquieta, que descobre no amor a razão para desvelar-se até as vísceras ante os seus leitores:

(...) Nas *Confissões*, por exemplo, ele faz da inquietude do coração humano, de sua própria inquietude de amor, um livro no qual, pela primeira vez na história, o “tema” é a intimidade, o homem interior: Agostinho inventa a *autobiografia*.⁷

⁶ AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002. 39, 73: “Se não percebes o bem que digo, e duvidas que isso seja a verdade, toma consciência, pelo menos, de que não duvidas que tenhas duvidado.”

⁷ LAUAND, Luiz Jean. **Prefácio ao De Natura Boni**. In: AGOSTINHO. **A Natureza do Bem**. 2ª ed. Trad. Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

4. Agostinho: observante e observado

Concorda com o Prof. Lauand o Prof. Giovanni Reale, que, ao estudar Agostinho na sua *História da Filosofia*, diz que o Doutor de Hipona é, ao mesmo tempo, o *observado* e o *observante* em suas obras. Ao contrário de Plotino e de qualquer outro autor da antiguidade, Agostinho não faz um estudo antropológico do homem em geral, mas inaugura a questão do homem enquanto *indivíduo*, enquanto *pessoa*:

Mas Agostinho não propõe o problema do homem em abstrato, ou seja, o problema da essência do homem em geral: o que ele propõe é o problema mais concreto do *eu*, do homem enquanto *indivíduo irrepitível*, como *pessoa*, como *indivíduo*, poder-se-ia dizer com terminologia posterior. Neste sentido, o problema de seu eu e o de sua pessoa tornam-se significativos: “*eu próprio me tornara um grande problema para mim (magna quaestio)*”; “eu não compreendo tudo que sou”. Como *pessoa*, Agostinho torna-se protagonista de sua filosofia: *ao mesmo tempo observante e observado*.⁸

5. Agostinho: fundador da “antropologia do eu” e protótipo do homem moderno

Lima Vaz considera Agostinho o fundador da *antropologia do eu*. Destarte, ele foi o primeiro protótipo do homem moderno. Hoje, se se coloca uma *sonda* num paciente ou se ele submetido a um destes *exames de imagens – ecos, tomografias* e até a recente *ressonância magnética* – torna-se possível ver todo o seu *interior*: a sua *estrutura óssea, fisiológica, biológica* e até *neurológica*. Entretanto, quando se trata dos sentimentos e dos pensamentos, inobstante as supostas “máquinas da verdade”, só a *pessoa* nos é capaz de revelá-los, se quiser. Daí a distinção entre *interioridade* e *intimidade*: a *intimidade* é exclusiva do *eu*; só ele, na sua liberdade, nos pode desvelá-la. Donde as extremas dificuldades de *psiquiatras, psicanalistas* e *psicólogos* em conseguirem tratar as pessoas que sofrem dos males relativos à sua vida íntima, pois se o próprio paciente não revela o que sente ou pensa, ninguém mais poderá fazê-lo com exaço indeclinável.

⁸ REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004. p. 89.

Ora, foi precisamente isto que Agostinho fez nas *Confessiones*: revelou-nos a sua *intimidade*, deu-nos a conhecer o seu *foro íntimo*. Donde a sua antropologia poder ser chamada de uma *antropologia do eu*, motivada, deveras, por uma *regula fidei*, mas também profundamente humana, pessoal. Trata-se, pela primeira vez na história, da revelação da trajetória do sujeito, que se conhece e se revela a outrem:

Entre os autores antigos, Agostinho foi, sem dúvida, o que imprimiu na sua obra a marca pessoal mais profunda, e é mesmo permitido dizer que com Agostinho emerge pela primeira vez com nitidez inconfundível, na história literária e intelectual do Ocidente, o *Eu como categoria fundante da Antropologia*. Nesse sentido, ele pode ser considerado *o primeiro anúncio do homem moderno*. O apelo à *experiência interior* e a busca dos caminhos da *interioridade* estão presentes em cada um de seus grandes itinerários intelectuais. Neles se entrelaçam de maneira original e profunda uma experiência intelectual e moral, uma experiência religiosa e uma experiência propriamente cristã conduzida pelo fio de ouro da *regula fidei*.⁹

6. A metafísica da interioridade na obra de Agostinho

Em várias partes da sua vasta e rica obra, Agostinho aplica o princípio da interioridade como pressuposto e justificativa para a sua doutrina. Quando trata do *conhecimento de Deus*, aconselha, antes de qualquer coisa, o *conhecimento de si* como *conditio sine qua non* para tal empresa: “Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem”¹⁰.

Ademais, é na *ignorância* de si que o Doutor africano coloca a raiz de todo o pecado, e, por outro lado, a fuga do pecado e o reconhecimento da necessidade da graça começam quando se toma *consciência de si mesmo* e de que a *verdade habita no ser humano*. Com efeito, a causa de uma vida transviada nos prazeres corporais reside no fato de não se poder estar a *sós consigo mesmo*; é por não se suportar, que a alma se derrama nas leviandades da carne. Agostinho descreve assim o que podemos chamar hoje das consequências e sequelas do “peso na consciência”:

⁹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 182.

¹⁰ AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. 39, 72.

Quem não possui um interior bom é expulso dali. Quem tem o coração oprimido, devido a uma consciência onerada (como alguém que sai de casa por causa de uma goteira, ou da fumaça), não agüenta ficar lá no seu interior, porque fica inquieto, não consegue concentrar-se com gosto. Esses tais, por sua intenção, saem e se deleitam fora, nos prazeres corporais. Procuram descanso em futilidades, em espetáculos, na luxúria, em todos estes males.¹¹

Portanto, as frivolidades e o descanso nos bens aparentes nada mais são do que sintomas de quem não se tolera e não consegue viver uma interioridade sadia. Esta desolação só pode ser interrompida mediante um voltar-se a si mesmo com o fim de descobrir que a verdade sobre si esconde-se dentro de si.

As próprias tragédias e vicissitudes podem também levar o homem a este recolhimento no mais recôndito da sua alma e assim fazê-lo conhecer qual é a medida da sua grandeza e qual é o quinhão de fraqueza que carrega. Nesta experiência se lhe desvelará, afinal, o fato de que, sendo uma *incógnita* para si mesmo, não o é para o seu Criador. Com outras palavras, descobrirá que só pode conhecer-se verdadeiramente e dar sentido à sua existência, se conhecer ao Deus que o criou e que lhe é mais íntimo do que ele mesmo.¹² De fato, apenas Deus pode revelar o homem ao homem. E o homem, uma vez conhecendo-se em Deus, conhece os seus limites e aprende a viver:

O homem freqüentemente é um desconhecido para si mesmo e não sabe o que pode suportar e o que não pode. Por vezes presume que é capaz de suportar o que não pode, e por outras perde o ânimo de suportar o que lhe é possível agüentar. Acrescenta-se a prova (tribulações, provações) como uma interrogação, e o homem se encontra a si mesmo. Era uma incógnita para si, mas não para o criador.¹³

¹¹ AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos**. 2ª ed. Trad: Monjas Beneditina. São Paulo: Paulus, 2005. v. II. 100, 4.

¹² Lembremos da célebre sentença do Santo nas *Confissões*: AGOSTINHO. **Confissões**. 2ª ed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Rev. Antônio da Silveira Mendonça e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2005. III, 6, 11: “Tu estavas mais dentro de mim do que a minha parte mais íntima.”

¹³ AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos**. 2ª ed. Trad: Monjas Beneditina. São Paulo: Paulus, 2005. v. I. 55, 2. (O parêntese é nosso).

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000.

BONI, Luiz Alberto de. **Estudar Filosofia Medieval**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001. Parte II.

_____. **A Verdadeira Religião**. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 2002.

_____. **A Trindade**. 2ª ed. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Nair Assis Oliveira e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Comentário aos Salmos**. Trad: Monjas Benedictina. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005. v I e II

_____. **Confissões**. 2ª ed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Rev. Antônio da Silveira Mendonça e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Solilóquios**. Trad. Aduary Fiorotti. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004.

LAUAND, Luiz Jean. **Prefácio ao De Natura Boni**. AGOSTINHO. **A Natureza do Bem**. 2ª ed. Trad. Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

VAZ, Henrique Cláudio Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.